

NEG FRIDAS ORGANIZANDO PARA DESORGANIZAR: UMA HISTÓRIA DE EXPERIÊNCIA COORDENANDO UM NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO

Daniel José dos Santos Filho

**Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e
Identidades (UFRPE/FUNDAJ)**

Núcleo de Estudos de Gênero Fridas: Como cheguei, como conduzimos

Sou Daniel Filho, professor da rede estadual de ensino desde 2006, com formação em letras (AESA-CESA), extensão em filosofia (UPE), mestrado em psicanálise aplicada à educação (UNIDERC) e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Identidades (UFRPE/FUNDAJ). Atualmente estou licenciado para o curso, mas estava exercendo a função de coordenador de Biblioteca e Coordenador do Núcleo de Estudos de Gênero na Escola de Referência em Ensino Médio de Jatobá, localizada em Petrolândia, sertão de Pernambuco, região do Submédio São Francisco.

Quando cheguei nesta escola em 2015 conheci e apoiei o trabalho da professora de filosofia e artes, Suemys Pansani, que buscava dentro de suas aulas e intervenções culturais/pedagógicas, empoderar estudantes acerca de conceitos relacionados a respeito e direitos humanos, mais especificamente, aprofundando a temática de como o machismo e uma sociedade patriarcal afetam negativamente toda sociedade. A série de aulas, rodas de conversa e palestras gerou um trabalho de intervenção no Dia da Mulher (8 de março de 2016) que consistia numa marcha de denúncia de violência contra a mulher, acrescentando a necessidade de se discutir outras pautas feministas como construção da igualdade de gênero.

O projeto foi chamado: “Reinventando Frida Kahlo”. A história da pintora mexicana inspirou as ações do grupo que teve reconhecimento pela mídia e Estado. Redações foram premiadas no Prêmio Naíde Teodósio, onde pude atuar como orientador e corretor dos textos.

Porém a professora precisou fazer uma mudança e pediu transferência de unidade escolar. Poucos meses depois, por conta do meu envolvimento de apoio ao movimento, recebi da gestão escolar o desafio de dar continuidade ao grupo coordenando os trabalhos na forma de NEG (Núcleo de Estudos de Gênero).

Souo antagonista a mim, homem, branco, heterossexual, cisgênero, conseqüentemente, longe de compreender as dores e obstáculos enfrentados por quem lida com machismo, racismo, homofobia, por mais empatia que exercite, coordenar um grupo que precisa de uma identidade protagonista de quem viveu e combate tais problemáticas sociais.

Mas era assumir ou ver se desfazer o núcleo, visto que outras professoras e apoio pedagógico não se sentiam à vontade em trabalhar os temas. Compreendi, então, que coordenar não significaria tomar lugar de fala, mas, ser âncora para que, cada vez mais, mais pessoas tomassem esse espaço.

Era a possibilidade de honrar o legado deixado pela colega e amiga que deixara a escola, materializar a pedagogia emancipadora que transgride e liberta, assim como poder desconstruir em mim muitos traços culturais de machismo carregados desde o nascimento.

Qual o primeiro passo? Compreendi que uma ação a instigar necessitava ser feita. Não poderia chegar nas salas de aula me apresentando como novo coordenador do núcleo e que os encontros de estudos aconteceriam num terceiro turno (visto que são estudantes de período integral, manhã e tarde) e acreditar que juventudes, cansadas da rotina, iriam se interessar em ter mais um turno de estudos.

Como primeira ação à frente da coordenação, orientei sobre uma ação que aconteceria no município em 20 de Agosto de 2019: A III Conferência Municipal da Mulher. Convocada pelo Conselho Municipal de Direitos da Mulher e a Coordenadoria Municipal da Mulher do município. Sob o tema: “Mulher e Democracia: uma agenda de lutas por direitos iguais”, diversos segmentos sociais da comunidade participaram em salas temáticas questões sociais de gênero e políticas públicas.

Pedi autorização à gestão para convidar meninas interessadas em participar e assumi o compromisso de levá-las e organizar suas participações. Por sala fui lançando o convite e, ao final do dia, junto às interessadas em participar, expliquei sobre a função do conselho e que a conferência tinha um poder deliberativo de construção de políticas públicas que afetavam diretamente nossas vidas.

Expliquei ainda o processo de inscrição e participação na plenária e nos Grupos de Trabalho (GT's), assim como a possibilidade de uma delas poder se candidatar a delegada na fase estadual do encontro.

No dia seguinte, pela manhã, fomos em grupo, com pelo menos uma estudante de cada turma, ao total 13 estudantes, participar do evento que aconteceu na quadra da Escola Estadual Delmiro Gouveia. Fizemos o credenciamento escolhendo o GT que participaríamos por afinidade ao tema, participamos da plenária de abertura assistindo apresentações culturais e ouvindo palestras e depoimentos de mulheres trabalhadoras, indígenas, quilombolas. O evento foi aberto pela prefeita Janielma Souza, primeira mulher a governar o município. Saindo dali para os GT's, as estudantes puderam compreender que a política se faz de forma participativa a partir de diálogos, identificação de problemas, encaminhamentos, reivindicações.

A primeira grande conquista veio na forma de candidatura de uma das estudantes, Ana Geisa, à delegada para a fase estadual da conferência. Ficou na suplência, mas ficou feliz por ter vencido a timidez e defendido sua participação.

Um dos muitos pontos levantados nos grupos e levado para a plenária geral de encerramento foi a importância de se ter, desde os anos iniciais, estudos de gênero nas escolas para a quebra de preconceitos e emancipação das mulheres rumo à igualdade de direitos. O tema instigou ainda mais a retomada de atividades do NEG e, a partir dali, apresentei-me como facilitador do projeto, caso elas aceitassem. Aceitaram e marcamos uma reunião para o dia seguinte, no horário do almoço, na sala de leitura da escola.

Metodologia

No dia seguinte fizemos a reunião e, juntas, fomos construindo o formato do que seria o grupo. Primeiro ponto: o nome. Outrora o projeto de intervenção foi chamado “reinventando Frida Kahlo”, optamos pela redução e chamamos apenas Neg Frida's.

Pensamos então como deveria ser o ato de reativação do grupo. Surgiu a ideia de uma cerimônia no auditório da escola, à noite, aberto à comunidade tendo como convidadas à composição da mesa a professora que estimulou aquele nascimento, Suemys Pansani, além de autoridades femininas a nível municipal e estadual, como Salete Gonzaga, Doris representando a coordenadoria Estadual da Mulher, Ana Tereza, presidenta do Conselho municipal da Mulher, Jussara Araújo, professora e coordenadora da Escola de Referência em Ensino Médio Maria Cavalcanti Nunes.

O ato foi emocionante. Relatos e falas de encorajamento às meninas pela vontade e ousadia de exigir em seu espaço escolar um núcleo de estudos, apresentação das jovens que iriam protagonizar a retomada das atividades do núcleo e lançamento oficial de como se daria o trabalho do coletivo deram o tom e ânimo necessário para assumir mais um turno de estudos, além de ações efetivas para a construção da igualdade de gênero. Compreendemos que, mais que uma reunião para

conversar, seria importante un grupo ativo que encaminhasse demandas e participasse de organizações sociais.

Enquanto grupo de estudos decidimos por encontros no turno da noite no auditório da escola abertos à comunidade com periodicidade quinzenal. Para o primeiro encontro e os que iriam se suceder dali em diante foi compreendida a necessidade de diversificar o modo dos encontros. O primeiro foi feito no formato de cineclube, com a exibição de curtas que explicassem a vida de Frida Kahlo, seguido de debates a explicar o porquê de sua história servir de inspiração ao Núcleo.

Do segundo encontro em diante deveríamos ter um grupo que, efetivamente, estudasse as problemáticas históricas, sociais e filosóficas dos direitos da mulher. O formato gerou debates nos intervalos do almoço na sala de leitura. Havia opção de repetir outras fórmulas que traziam temas atuais, mas escolhidos de acordo com as necessidades surgidas no meio social ou a proposta de se estudar as questões de gênero a partir de autora e ou obra norte.

A sugestão que levantei foi o estudo e diálogo acerca do Caderno Etnicorracial “Mulheres Construindo a Igualdade”, do Governo do Estado enviado em boa quantidade para a biblioteca escolar através da Secretaria Estadual de Educação e da Mulher.

A grandiosidade deste livro é trazer o outro lado da História: o da força das guerreiras e guerreiros, das mulheres brancas e homens brancos, indígenas e negros, que vêm transformando os rumos da própria sociedade que um dia os excluiu. (GOMES, 2011, p.8).

Ler e debater por capítulos e, a cada quinzena, convidar alguma mulher da comunidade, que se identificasse com a temática do dia, para ajudar na exposição, contextualização e debates.

Definimos ainda o formato das discussões. Roda de conversa com moderação e regras expostas no início de cada encontro: 20 minutos de exposição para a palestrante convidada, uma jovem enquanto moderadora a garantir tempo de fala e inscrições de fala das pessoas participantes, inscrição de fala levantando a mão, 3 minutos de fala para questionamentos ou exposição de opinião, réplica de cinco minutos para a palestrante convidada a cada bloco de três perguntas e ou posicionamento exposto, ninguém corta a fala/explanação de ninguém. A cada encontro, uma moderadora diferente.

O primeiro encontro nesse formato debateu “A história e os conceitos de Desigualdade”, e teve como convidada Niedja Maria Batista que trouxe sua visão e um artigo para se debater as origens da desigualdade. A partir daí, quinzenalmente, psicólogas, educadoras, foram convidadas a participar dos debates. Todo dia seguinte ao encontro ficou definido que o grupo organizativo

deveria se reunir para avaliar pontos positivos e negativos do encontro anterior para que o encontro seguinte seja sempre melhor (com relação à organização).

Enquanto coordenador garanti que nos primeiros encontros essas práticas ficassem firmadas e passassem a, naturalmente, fazer parte do cotidiano delas.

Resultados alcançados

O NEG Frida's não se resumiu a encontros e reuniões e passou a atuar fora da escola protagonizando campanhas e participando de atos públicos. No dia 7 de Setembro, comemoração da Independência do Brasil e espaço que também se leva às ruas o “Grito dos Excluídos”, as estudantes organizaram uma marcha que denunciava o desaparecimento de Nayara, jovem, mãe, desaparecida desde Agosto de 2019, e cobrava respostas das autoridades. Os núcleos de gênero das escolas somaram forças com a família e o conselho da mulher e, a partir da hashtag “#OndeEstáNayara?”, promoveram uma forte campanha de conscientização acerca do tema violência contra a mulher.

A marcha, organizada para sair no mesmo dia do desfile cívico-militar, repercutiu sendo permitido espaço de fala à tribuna cobrando respostas acerca do desaparecimento, até hoje, sem explicação.

No dia da Consciência Negra o grupo promoveu projeto de intervenção que tratava do feminismo negro com salas temáticas, homenagens a grandes nomes da luta antirracista e feminista, apresentação cultural, cineclube, palestras, mostra de fotografias, mostra sobre as religiões de matriz africana.

As atividades do núcleo foram além dos estudos em sala de aula. Todos os envolvidos, estudantes e convidados, passaram a atuar como verdadeiros agentes de transformação social. Estudantes envolvidos passaram a ser mais atenciosos com o próximo. Alertas aos primeiros sinais de violência, bullying, machismo, tanto na escola como em sua cidade, bairro, viraram temas de discussão e planejamento de como intervir de maneira responsável. O formato dos encontros do NEG Frida's desenvolveu o protagonismo e a metodologia organizativa de reuniões e formas de estudo.

O NEG Frida's encerrou suas atividades de 2019 em Dezembro recebendo homenagem da turma de pedagogia da instituição UNOPAR que, na ocasião, deu destaque às mulheres cujas ações fazem diferença na vida do município.

Meninas e meninos envolvidos com o núcleo passaram de tímidos a protagonistas na ação coletiva de estudar, compreender, escrever e intervir no meio em que estão inseridos. Promoveram cineclubes, clubes do livro, agitações culturais, panfletagem, denúncia, escuta. Para 2020 o grupo,

que já conta com novas e novos membros, já iniciou suas atividades com panfletagem sobre assédio durante as festividades do carnaval a partir da campanha “Não é Não”.

O cronograma de reuniões do núcleo iniciou como em 2019, com cineclube. O filme escolhido em reunião foi “As Sufragistas”. Para o mês da mulher foram organizadas atividades diversas. Dia 9 de março de 2020, no centro cultural do município, numa parceria com a Biblioteca Pública, um sarau com poesias e canções que representam a luta das mulheres.

As estudantes que fazem parte do núcleo de organização perceberam a necessidade de ampliar suas ações para a mídia e criaram um canal no YouTube chamado TV Fridas e conta no Instagram onde puderam publicar agendas e resultados de suas ações e campanhas, assim como criar conteúdo sobre identidades de gênero, feminismos, dicas de leitura.

No final de 2021, onde estávamos voltando aos poucos às atividades presenciais pós pandemia, foi debatido em roda de conversa o tema “Pobreza e dignidade menstrual”. Com presença de secretárias de governo e vereadores o evento gerou conteúdo para as redes sociais do grupo, assim como uma pauta de reivindicação: distribuição de absorventes íntimos gratuitamente nas escolas da rede pública municipal. Em pouco tempo a proposta virou o Projeto de Lei 1349/2021, aprovado por unanimidade e sancionado ainda naquele mês. Motivo de muita emoção entre todas envolvidas.

No último ano frente ao trabalho de coordenação avançamos nas pautas e ousadia. O primeiro convidado de 2022, foi o psicólogo Sanches Max que levou para uma roda de conversa o tema e resultados de sua pesquisa de conclusão de curso: "Isso não é de Deus - Experiências sertanejas de LGBTs cristãos na 'diver-cidade' de Petrolândia." pesquisa que trata da comunidade LGBTQUIAPN+ presente nas igrejas cristãs (católicas e evangélicas) de Petrolândia. Conflitos entre identidade, gênero, fé, homofobia esquentaram o debate que teve um segundo encontro.

Atualmente o Núcleo está se reorganizando para existir enquanto coletivo no município e já realizou algumas reuniões em escolas da área rural.

Fico honrado de poder ter contribuído de alguma forma no processo que despertou a autonomia das estudantes envolvidas e de como nossas contribuições locais puderam honrar legados pedagógicos e de lutas pela igualdade de gênero. A “outricidade”, o sentimento de “transgressão”, a desconstrução do binarismo com rigor de pesquisa, o saber construído no fazer pedagógico em comunhão discente/docente/comunidade a afetar todas e todos, independente de fazer parte do grupo e ou daquela comunidade escolar específica, mostram que a construção da autonomia, solidariedade, confluência dos saberes e identidades, no ambiente escolar não apenas nos fortalece enquanto agentes educacionais, mas enquanto cidadãs e cidadãos brasileiros que não se permitem dobrar às aventuras ditatoriais tão caras às nossas existências.

Considerações finais (para sempre recomeçar)

Há opções e caminhos para o fazer docência que não pode se resumir a um fazer bancário, descolado, “com medo de polêmica” para, assim, forjar uma falsa neutralidade, e descontextualizada do cenário que enfrentamos e que precisaremos superar. A desvalorização profissional não deve ser mote para o fazer de qualquer jeito, mas, inversamente, para fazer ainda mais e melhor. Mais aguerrido, propositivo, provocador, emancipador como Freire coloca; transgressor à libertação que anima o espaço escolar como relata Hooks; com a promoção da diversidade não enquanto presença tolerável, mas existência latente e natural, descrita por Guacira; ou ainda o fazer pedagógico com atravessamentos críticos para, em comunhão, alcançarmos uma educação enquanto prática de liberdade (social, econômica, emocional, intelectual) são concepções que, possivelmente e tendencialmente iremos ler ou ouvir enquanto “utópicas”. E o são, mas não enquanto inalcançáveis, mas como objetivos potentes que devem ser buscados por qualquer Projeto Político Pedagógico que se proponha a respeitar os pilares da educação que forma para a cidadania.

Os textos trazidos e analisados aqui, correlacionados com uma prática realizada e realizável em qualquer espaço escolar, podem e devem despertar essa fagulha necessária ao mover-se para a transformação da nossa sociedade através da tão atacada escola e universidade pública. Precisamos e devemos ser resistência não apenas por nós, mas por todas as gerações que virão e merecerão um mundo melhor do que estamos.

Bibliografia

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, Bell. *Ensinando a Transgredir – A Educação Como Prática de Liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. *Teoria Queer – Uma Política Pós-Identitária Para a Educação*. Estudos feministas. Florianópolis. Vol. 9, n. 2 (2001), p. 541-553.

_____. *O Corpo Educado – Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

XIII Seminario Internacional de la RED ESTRADO

Dos décadas de estudios sobre el trabajo docente: existir, resistir y construir nuevos horizontes

PERNAMBUCO. Secretaria Da Mulher. Mulheres Construindo a Igualdade: Caderno Etnicorracial. Celma Tavares, Cristina Maria Buarque, Fernanda Meira, Lady Selma Albernaz, Raiza Cavalcanti, Rosangela Souza e Rosário Silva. Recife: A Secretaria, 2011.

SANTANA, Moisés de Melo. Artigo. Elementos Para Reimaginar a Emergência de Novas Espiritualidades Acoradas Numa Abordagem Formativa Transcultural e Crítica em Em Defesa dos Pobres – Espiritualidade, Justiça e Libertação. Recife: EDUPE, 2021